

# Literatura no Ensino Fundamental II: conteúdo e forma na obra Hamlet

*Literature in Elementary School II: content and form in Hamlet*

*Literatura en la Escuela Primaria II: contenido y forma en la obra Hamlet*

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de atividade para o trabalho com o conteúdo e forma no 9.º ano do Ensino Fundamental. Para isso, elegemos a obra literária Hamlet (2011), de William Shakespeare e o filme Hamlet (1990), de Franco Zeffirelli, a fim de promover a leitura dos alunos, explorar as visões de mundo presentes nas obras e analisar se a mudança na forma, implica também na transformação do conteúdo. Como fundamentos teóricos, pautamo-nos na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. Logo, a partir da análise, percebemos a relevância de trabalhar com as categorias marxistas na sala de aula visando melhorar a compreensão de obras literárias clássicas.

Palavras-chave: literatura; Hamlet; Shakespeare; conteúdo e forma.



Recebido em: 20 de setembro de 2022  
Aceito em: 15 de novembro de 2022  
DOI: 10.26512/les.v24i1.45118

# CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

*Papers on Language and Society*

**Patrícia Cardoso Batista**

[patty\\_jbt@hotmail.com](mailto:patty_jbt@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3096-6178>

<http://lattes.cnpq.br/8621062703004955>

Universidade Estadual de Londrina (UEL),  
Londrina, PR, Brasil

**Rosângela Maria de Almeida Netzel**

[rosangela.netzel20@prof.londrina.pr.gov.br](mailto:rosangela.netzel20@prof.londrina.pr.gov.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8653-1296>

Secretaria de Educação de Londrina, Londrina,  
PR, Brasil

**Sandra Aparecida Pires Franco**

[sandrafranco26@hotmail.com](mailto:sandrafranco26@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-7205-744X>

Universidade Estadual de Londrina (UEL),  
Londrina, PR, Brasil

# ARTIGO

## ABSTRACT

The purpose of this article is to present an activity proposal for working with content and form in the 9th grade of Elementary School. For this, we chose the literary work Hamlet (2011), by William Shakespeare and the film Hamlet (1990), by Franco Zeffirelli. From these works, we intend to promote student reading, explore the worldviews present in the works, and analyze whether the change in form, also implies the transformation of the content. As theoretical foundations, the perspective of Historical-Dialectical Materialism guides us. Therefore, from the analysis, we realized the relevance of working with Marxist categories in the classroom in order to improve the understanding of classic literary works.

Keywords: literature; Hamlet; Shakespeare; content and form.

## RESUMEN

El propósito de este artículo es presentar una propuesta de actividades para trabajar el contenido y la forma en el 9º grado de Educación Primaria II. Para eso, elegimos la obra literaria Hamlet (2011), de William Shakespeare y la película Hamlet (1990), de Franco Zeffirelli, con el fin de promover la lectura de los estudiantes, explorar las cosmovisiones presentes en las obras y analizar si el cambio de forma, implica también la transformación del contenido. Como fundamentos teóricos, nos guiamos por la perspectiva del Materialismo Histórico-Dialéctico. Por tanto, a partir del análisis, nos dimos cuenta de la relevancia de trabajar con categorías marxistas en el aula para mejorar la comprensión de las obras literarias clásicas.

Palabras clave: literatura; Hamlet, Shakespeare; contenido y forma.

### Como citar:

BATISTA, Patrícia Cardoso; NETZEL, Rosangela Maria de Almeida; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. Literatura no Ensino Fundamental II: conteúdo e forma na obra Hamlet. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 83-101, jan./jun. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i1.45118 Disponível em: . Acesso em: XXX.

### Correspondência:

Nome por extenso do autor principal

Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

### Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



## INTRODUÇÃO

As obras de William Shakespeare são mundialmente conhecidas, sendo esse um escritor representativo da literatura inglesa. Logo, ao trabalhar com o gênero texto teatral na escola, suas peças são normalmente abordadas, como: *A Megera Domada* (1593), *Romeu e Julieta* (1594), *Sonho de Uma Noite de Verão* (1595), *O Mercador de Veneza* (1596), *Henrique V* (1598), *Hamlet* (1601), dentre outras. Nesse sentido, consideramos relevante promover a leitura desses e outros textos clássicos no ambiente escolar, visando que os estudantes tenham contato com obras que resistiram à passagem do tempo. Para Ferreira e Duarte (2012, p. 124), com base nos pressupostos de Saviani, “uma obra clássica, sem jamais perder sua natureza de produção histórica, adquire um valor que ultrapassa suas origens, tornando-se uma riqueza para seres humanos de outras épocas e contextos sociais.” Reiteramos essa ideia, considerando ser papel da instituição escolar selecionar obras como essas e oportunizar que os estudantes entrem em contato com textos em sua diversidade, incluindo os clássicos da literatura mundial.

Para Todorov (2010), por meio da literatura, podemos conhecer melhor o humano e nossas próprias experiências. Para ele, a literatura [...] nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. (TODOROV, 2010, p. 24). Diante disso, é ressaltada a importância de abordar obras como as de Shakespeare, em especial por pautarem-se em temas que podem ser considerados “universais”, e que ainda são atuais, mesmo que o contexto histórico de sua leitura seja outro. Além disso, os clássicos são populares e ricos em conteúdo. Assim, permitem ao leitor conhecer mais sobre o ser humano enquanto ser individual e social, bem como olhar para dentro de si. Vale ressaltar que há divergência sobre a definição do que é um clássico literário.

Entretanto, ao trabalhar com os textos do dramaturgo, escritos nos séculos XVI e XVII, o professor poderá enfrentar algumas dificuldades, pois apresentam uma linguagem diferente e distante do cotidiano de muitos adolescentes. Diante disso, uma opção para auxiliar nesse desafio é selecionar obras apresentadas em outras formas, como: filmes, histórias em quadrinhos (HQs), animações, séries, novelas etc., que podem ser escolhidas de acordo com o objetivo do plano docente.

Sendo assim, elaboramos uma proposta de atividade visando trabalhar com a peça teatral *Hamlet*, de William Shakespeare, na forma de texto e de filme. No caso do texto, destacamos haver várias traduções para o português, o que nos levou a optar por um, sendo aquele traduzida por Millôr Fernandes, que faz parte da coleção L&PM, em uma edição de bolso e tem um preço acessível, além de versão no formato PDF. Logo, isso é um ponto relevante para viabilizar o acesso aos leitores das escolas brasileiras, contexto marcado pelas desigualdades sociais, escassos recursos financeiros para a aquisição de livros e altos encargos fiscais a pesar sobre esses produtos. Além disso, consideramos que essa obra também foi selecionada, em 2009, pelo extinto

Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), indicando a possibilidade de serem encontradas versões impressas nas bibliotecas escolares das escolas públicas.

No tocante ao filme, enfatizamos que também foram realizadas diversas adaptações e releituras dessa obra para o cinema, e que dentre elas escolhemos aquela produzida pelo cineasta Franco Zeffirelli, que lançou o filme Hamlet em 1990, estrelado por Mel Gibson, ator famoso na época, e marcado por ser acessível ao público leigo das obras shakespearianas.

Quanto ao referencial teórico, este trabalho pauta-se no materialismo histórico-dialético, considerando as determinações históricas do ser humano. Segundo Gamboa (1998, p. 19), “a dialética materialista relaciona sujeito e objeto na base real de sua unificação na história.” Logo, há uma união entre sujeito e objeto, que interagem no mundo, considerando a ontologia, que se refere à realidade objetiva ao ser, e a gnoseologia, relacionada ao pensamento com o ser do movimento do conhecimento.

Para Ferreira e Duarte (2012), no materialismo histórico e dialético considera-se que as ideias devem ser compreendidas dentro de um contexto social. O histórico refere-se à necessidade de entender a realidade dentro do movimento entre o que existe e o que poderá existir. O dialético se deve às contradições da história, que muda constantemente. Sendo assim, no caso das obras de arte, essas estão repletas de visões de mundo e têm significados próprios, conectadas com a história da humanidade, e que representam a individualidade do artista.

Como método, utilizamos as categorias marxianas, conteúdo e forma. Em vista disso, apresentamos uma proposta de atividade explorando essas categorias nas obras citadas, visando à criação de estratégias para que os alunos acessem o texto clássico na escola. Partimos do pressuposto de que um conteúdo pode ser trabalhado de formas diferentes, de modo que se torna profícuo explorar um livro apresentado também por meio da abordagem de outras formas, a fim de motivar os alunos ao contato com saberes historicamente acumulados.

## **1. LITERATURA NA ESCOLA**

Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, considera-se que o ser humano possui mais do que necessidades físicas, mas também necessidades historicamente desenvolvidas, de modo que “[...] a sensibilidade humana, o conhecimento científico, a arte e a filosofia fazem parte do processo histórico de construção do humano pela própria humanidade.” (FERREIRA; DUARTE, 2012, p. 118). Diante disso, Ferreira e Duarte (2012), com base nos pressupostos de Vigotski e Lukács, que se baseiam nos estudos marxistas, ressaltam que a arte contribui para o desenvolvimento e a humanização do homem, o que justifica a necessidade de ela estar presente na educação escolar. Entretanto, em uma sociedade capitalista, marcada por desigualdades sociais, nem todos têm a possibilidade de acessar a arte na vida cotidiana, uma vez que estão em busca de suprir as suas necessidades básicas de sobrevivência.

Em consonância, Candido (2004) defende que a literatura é fundamental ao ser humano, pois temos necessidades primárias, de ficção e fantasia, bem como para manter o equilíbrio psíquico e social. Por isso, ele afirma que a literatura é um “bem incompressível”, que se apresenta similar à moradia, à saúde, ao alimento, uma vez que contribui para a integridade física e espiritual. Por isso, deve ser acessível e tida como um direito de todos, partindo do princípio de que em “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p. 191).

Nessa esteira, Ferreira e Duarte (2012, p. 119), fundamentadas em Vigotski, afirmam que a arte possibilita vários benefícios aos seres humanos, como: reelaborar seus sentimentos e vivências, propiciar que o indivíduo saia do seu cotidiano automatizado, despertando sensações inéditas, aproprie-se da cultura por meio da arte e desenvolva as funções psicológicas superiores, que são aquelas que segundo Vigotski, distinguem o homem dos animais. Diante disso, fica evidente a necessidade de a escola colocar em pauta diferentes manifestações artísticas em suas várias formas e realizar a mediação visando à formação integral dos estudantes. A esse respeito, as autoras pontuam que a instituição escolar deve permitir que possam ocorrer práticas significativas, e que, “a partir do cultivo de relações verdadeiramente ricas com as obras de arte, desenvolverem-se atividades que promovam estudos, reflexões e debates sobre questões fundamentais da vida social humana.” (FERREIRA; DUARTE, 2012, p. 122).

Sendo assim, torna-se importante questionar sobre quais obras artísticas a escola seleciona e sobre as formas de realizar a mediação de leitura. A esse respeito, consideramos que os textos de Shakespeare, clássicos da literatura mundial, são obras relevantes para serem abordadas no ensino. As obras do dramaturgo já foram adaptadas diversas vezes para o cinema, TV, minisséries, teatro, HQs etc. Entretanto, o trabalho com as adaptações, releituras ou inspirações podem sofrer preconceito no universo acadêmico. Desse modo, nos perguntamos: podemos trabalhar com um clássico literário em outra forma, que não o texto? Consideramos que a forma de uma obra pode ser alterada, preservando o seu conteúdo.

Diante disso, uma opção para trabalhar não só com o texto escrito, mas também com as múltiplas linguagens, é propor a comparação das duas manifestações artísticas. Assim, damos a oportunidade de os alunos conhecerem a obra integral, mas também outra visão de mundo daquela obra por meio de outra forma. Isso é relevante na medida que grandes obras podem ser de difícil compreensão para os leitores em formação, precisando o professor criar estratégias para auxiliar os discentes nessa tarefa.

Nesse sentido, seria possível recorrer, por exemplo, a produções cinematográficas de obras clássicas. A utilização de narrativas multimodais pode promover a formação de um leitor crítico e reflexivo, pois essas produções permitem com que os alunos façam análises e comparações entre as obras e conheçam uma nova leitura do texto original. Sendo assim, julgamos que o docente pode

trabalhar com textos literários presentes em outros meios e suportes, e não só com o texto escrito e impresso, por exemplo.

Segundo Prieto e Padro (2014), os textos multimodais ultrapassam os limites do verbal, podendo utilizar a língua e a imagem como linguagens complementares. Logo, as autoras argumentam que o trabalho com textos multimodais na Educação Básica é positivo para o desenvolvimento dos multiletramentos dos alunos, bem como para a promoção da inclusão social, pois algumas pessoas têm dificuldade de decodificar a escrita, como leitores iniciantes, ou mesmo analfabetos e dislexos. Sendo assim, a partir das adaptações e produções cinematográficas, podemos promover a acessibilidade da literatura a diferentes públicos com letramentos distintos. Então, é possível realizar um trabalho complementar entre a literatura e outras artes, sem desvalorizar a linguagem utilizada, uma vez que no caso do cinema e do livro, devemos entender que usam semioses diferentes, por isso nunca serão iguais, mas têm pontos de contato. Logo, é importante reconhecer que alguns aspectos podem ser melhor representados pelo cinema, em vista dos recursos que utiliza, como som, imagem, gesto, figurinos, cenários etc.

Diante disso, consideramos importante buscar outros recursos para levar a literatura para a sala de aula, reconhecendo suas atualizações e nova leitura, bem como considerar que o cinema tornou acessível ao público textos considerados canônicos. Isso pode levar os indivíduos a buscarem pelos livros que deram origem ao filme, muitas vezes restrito a um público específico.

Para Prieto e Padro (2014), a comunicação visual tem espaço privilegiado na sociedade globalizada, portanto a divulgação da literatura por esses meios colabora para a sua dinamização. Diante disso, as autoras defendem ser importante compreender como as transformações tecnológicas influenciam a maneira que os indivíduos se relacionam com o mundo. Por isso, elas consideram que dominar as multimodalidades e multimeios é essencial para formar leitores críticos em uma era digital e tecnológica, onde a cultura visual e sonora tem grande espaço.

Entretanto, é importante deixar claro que não estamos dizendo para substituir o texto, e sim complementar o trabalho com outros recursos. Até porque o texto tem características próprias que permitem benefícios singulares ao leitor, tal como deixar maior espaço para a imaginação e leitura subjetiva, ao contrário do filme que passou por uma leitura prévia de um diretor, roteirista, figurinista, atores, dentre outros. Logo, é interessante incentivarmos a leitura do texto, considerando que nossa sociedade valoriza os sujeitos que dominam a leitura do escrito também. Todavia, é possível conciliar e diversificar as atividades para contemplar os aspectos positivos e reduzir os elementos negativos. Isto é, o professor pode aproveitar os diferentes recursos para atender aos diferentes públicos e às suas necessidades de fruição da arte literária.

## 2. CATEGORIA MARXIANA: CONTEÚDO E FORMA

Segundo Gamboa (1998), as categorias dialéticas constituem uma forma de pensamento que permite ao homem representar a realidade de forma objetiva, partindo da ideia de que indivíduo e sociedade estão unidos. Dentre as categorias de compreensão criadas a partir da filosofia marxista, temos: todo-partes, abstrato-concreto, fenômeno-essência, causa-efeito, análise-síntese, indução-dedução, explicação-compreensão, lógico-histórico, conteúdo-forma, dentre outras.

Diante disso, escolhemos trabalhar com a categoria conteúdo e forma visando à ampliação da compreensão leitora dos alunos do Ensino Fundamental II. Para isso, escolhemos o texto e o filme *Hamlet*, que apresentam visões de mundo diversas, considerando que concordamos com Gamboa (1998, p. 25) ao afirmar que: “Toda obra literária, artística ou científica é a expressão de uma visão de mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança um determinado grau de clareza conceptual, sensível ou prática na consciência de um pensador, artista ou cientista”.

Gamboa (1998) explica que a visão de mundo permite uma análise contextualizada das obras literárias. Para Goldman (apud Gamboa, 1998), a visão de mundo é um conjunto de aspirações, sentimentos e ideias que reúne membros de um grupo, normalmente de uma classe social, e os opõem a outros. Isto é, a visão de mundo diz respeito à forma que um grupo percebe a realidade do mundo, influenciado pelas condições histórico-sociais. Sendo assim, ao trabalhar com uma obra em diversas formas, podemos entender um pouco mais sobre a visão de mundo do artista que a transpôs, a partir da análise quanto às suas escolhas.

A respeito da categoria conteúdo e forma, Franco e Giroto (2017) defendem serem inseparáveis, de modo que a forma é um elemento concreto que podemos ler e ver e o conteúdo, por sua vez, é algo abstrato. Sendo assim, o conteúdo é expresso pela forma, que representa a materialidade, ou seja, forma e conteúdo dependem um do outro. Em outras palavras, enfatizamos que o: [...] o conteúdo é dinâmico, mutável, constituído pelo principal elemento de referência do objeto e por uma estrutura, em constante interação, que faz o elo entre uma parte interior e uma exterior. A forma compõe a estrutura, a ponte que estabelece o entendimento do conteúdo. (ROCA TELI *et al.* 2022, p. 4).

Dito isso, Franco e Giroto (2017) acreditam que ao transpor um texto para filme, por exemplo, estamos transformando a sua forma, e não necessariamente o seu conteúdo. Sendo assim, os filmes que se baseiam em adaptações de livros podem ser recursos interessantes para o trabalho docente, pois para as autoras, algumas obras literárias podem causar estranhamento nos leitores jovens pelos temas abordados ou pela linguagem utilizada. Nesse sentido, para as autoras quando o texto é adaptado para uma nova forma e novos elementos são acrescentados, como no caso do filme, em que se utiliza da comunicação visual e sonora, isso pode facilitar o leitor a vivenciar a narrativa.

### 3. HAMLET EM DIFERENTES FORMAS: TEXTO E FILME

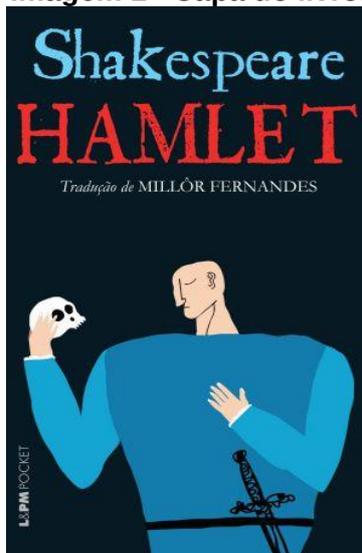
A peça *Hamlet, o Príncipe da Dinamarca* foi escrita por William Shakespeare na primeira década do século XVII. A história se passa no reino da Dinamarca e conta a história de Hamlet, o príncipe, que descobre a partir da aparição do fantasma do seu pai, Hamlet, o antigo rei, que seu tio Cláudio o matou para tomar o trono e casar-se com a Rainha Gertrudes, sua mãe. Logo, a peça demonstra o planejamento da vingança pelo príncipe, que se finge de louco, vive incertezas e faz diversos questionamentos sobre a vida e a morte. Desse modo, é uma obra dividida em 5 atos, com quantidades diversas de cenas, sendo a maior parte do texto produzida em verso. Essa obra nos mostra que o homem é responsável por suas ações, e que essas geram consequências, bem como aborda diversos temas que continuam atuais, como traição, vingança, corrupção, disputa de poder, luto, loucura, morte, suicídio etc.

Essa tragédia foi produzida para o teatro durante a Renascença, período em que a Inglaterra era governada pela Rainha Elisabeth I, grande incentivadora do desenvolvimento das artes. Sendo assim, é representativa desse contexto histórico, sendo uma das peças mais conhecidas do autor e inspiradora de diversas obras cinematográficas, pinturas, peças teatrais, poemas, dentre outras. Logo, é um texto que, ao promovermos a leitura em sala de aula, permite que os alunos mergulhem na história da humanidade e conheçam mais a Inglaterra do século XVII. Além disso, é um conteúdo que o professor de Língua Portuguesa, responsável por trabalhar os gêneros literários, pode abordar em parceria com docentes de outras disciplinas. Por exemplo, pode-se propor que na disciplina de História o professor apresente quem foi a Rainha Elisabeth I e como se deu o Renascimento na Europa. Já na disciplina de Artes, pode sugerir que o docente discorra sobre o teatro elisabetano e algumas pinturas inspiradas em *Hamlet*, tal como, *The Play Scene*, de Daniel Maclise, *The Death of Ophelia*, de John Everett Millais e *Hamlet*, de Edwin Abbey, dentre outras. Desse modo, o aluno terá a oportunidade de conhecer mais das influências do contexto histórico nas obras shakespearianas e como elas ainda continuam relevantes.

A respeito da obra *Hamlet*, de Shakespeare, conforme citado anteriormente, escolhemos a obra traduzida por Millôr Fernandes. Vale ressaltar que não é objetivo desta pesquisa abordar qual a melhor tradução desse texto ou adaptação cinematográfica, e sim expor como uma obra pode ser abordada na escola de diferentes formas.

No tocante ao livro selecionado, este conta com a ficha catalográfica, nome das personagens com uma breve descrição e apresenta divisões por atos e cenas. Nessa perspectiva, destacamos a capa do exemplar eleito:

Imagem 1 - Capa do livro.

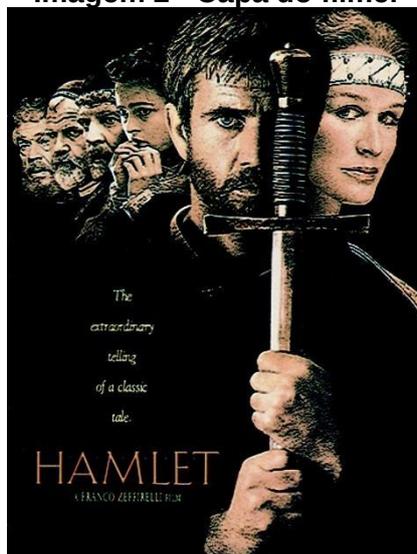


Fonte: (SHAKESPEARE, 2011)

Conforme a imagem, percebemos haver um realce no nome Shakespeare, nome da peça em letras vermelhas e em caixa alta, e o nome do tradutor. Ademais, a capa é preta, tem uma ilustração de um dos momentos mais lembrados pelos leitores da peça, a primeira cena do ato 5, na qual Hamlet segura o crânio de Yorick, o bobo da corte do rei, o que traz à tona o tema da essência humana, e porta uma espada. Por último, tem-se ao lado a indicação da editora L&M e o modelo do livro, sendo de bolso.

No filme Franco Zeffirelli, como a peça do bardo, é nomeado *Hamlet*. Essa obra pauta-se em uma redução do texto original, que segundo Santos-Júnior (2017), é uma estratégia para atingir o público-alvo, ou seja, telespectadores de cinema que normalmente gostam de obras mais dinâmicas e enxutas. A seguir temos o cartaz de divulgação da obra cinematográfica:

Imagem 2 - Capa do filme.



Fonte: (ZEFFIRELLI, 1990)

Assim como na capa do livro, o uso das cores pretas também é explorado no cartaz de divulgação do filme, bem como o príncipe Hamlet, protagonista da tragédia, também está em destaque e porta uma espada. Em segundo plano, tem-se a imagem dos principais atores do elenco, que é composto por: Mel Gibson, como o Príncipe Hamlet; Glenn Close, como a rainha Gertrudes; Helena Bonham Carter, como Ofélia; Alan Bates, como o tio Cláudio; Ian Holm, como Polônio; Paul Scofield, como o fantasma. Além disso, há uma frase: “The ordinary telling of a classic tale.”<sup>1</sup>, seguido do nome do filme em letras grandes e em caixa alta, com o nome do diretor em letra menor na sequência.

Ao efetuarmos comparações entre o livro *Hamlet* (2011), de William Shakespeare na tradução de Millôr Fernandes e a obra cinematográfica *Hamlet* (1990) de Franco Zeffirelli, destacamos várias mudanças, sendo algumas relacionadas à forma, e não necessariamente ao conteúdo.

Em vista disso, enfatizamos que no texto teatral é comum que haja o uso de rubricas para indicar os aspectos básicos da trama. Logo, Shakespeare utiliza-se desse recurso em seu texto, mas não dá muitos detalhes, o que é complementado pelas falas das personagens. Por exemplo, na cena 2, do ato 1, há apenas uma rubrica dizendo: “*Sala de cerimônias do castelo. (Entram o Rei, a Rainha, Hamlet, Polônio, Laertes, Voltimando, Cornélio, Cavalheiros e Cortesãos.)*”, e é ao ler a conversa que percebemos a quem a personagem está se dirigindo durante o diálogo:

*REI: Escolhe tua melhor hora, Laertes; o tempo te pertence.  
REI: [...] E agora, caro Hamlet, meu primo e meu filho...  
HAMLET: (À parte.) Me perfilha como primo, pois não primo como filho.  
REI: Por que essas nuvens sombrias ainda em teu semblante? (SHAKESPEARE, 2011, p.10).*

Outro ponto é que na fala dos personagens há alguns detalhes sobre suas vestimentas, como no caso em que Hamlet enfatiza usar roupas pretas para representar o seu luto pela morte de seu pai:

*HAMLET: Parece, senhora? Não, madame, é! Não conheço o parece.  
Não é apenas o meu manto negro, boa mãe,  
Minhas roupas usuais de luto fechado,  
Nem os profundos suspiros, a respiração ofegante.[...] (SHAKESPEARE, 2011, p.11)*

No caso do filme, percebemos que o diretor mantém esse aspecto, pois ao longo do filme Hamlet usa roupas escuras, em contraposição com a sua mãe, esposa do falecido, que se utiliza de roupas com cores vivas, indicando ter superado o luto mais rápido.

Ademais, a peça de Shakespeare é marcada por solilóquios, que se referem à verbalização dos pensamentos das personagens em primeira pessoa, sendo o mais famoso presente no ato 3, cena 1:

---

<sup>1</sup> “A narração ordinária de um conto clássico”. (tradução livre)

*HAMLET: Ser ou não ser - eis a questão.  
Será mais nobre sofrer na alma  
Pedradas e flechadas do destino feroz  
Ou pegar em armas contra o mar de angústias -  
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;  
Só isso. E com o sono - dizem - extinguir  
Dores do coração e as mil mazelas naturais  
A que a carne é sujeita; eis uma consumação  
Ardentemente desejável. Morrer - dormir -  
Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo! (SHAKESPEARE, 2011, p. 51)*

Nesse trecho, o personagem apresenta um tema universal, o questionamento sobre o sentido da vida e da morte, analisando se vale a pena enfrentar os obstáculos da vida, ou morrer, chegando a cogitar o suicídio. Logo, mostra um personagem angustiado e que está sofrendo. Nesse momento da peça, Hamlet indaga-se sobre prosseguir ou não com a sua vingança. Desse modo, isso representa os momentos de indecisão da vida, a que todos estão propensos, por motivos diversos.

Por ser um trecho muito marcante da obra de Shakespeare, conhecido até por pessoas que não leram seus textos, percebemos que o diretor do filme optou por mantê-lo integralmente, com alterações apenas na ordem em que aparece na trama, conforme será detalhado mais adiante. Entretanto, em outros momentos houve vários recortes dos solilóquios, o que interpretamos como uma tentativa de tornar a trama mais ativa, com maior movimentação das personagens e troca de cenários, o que provavelmente agrada os telespectadores que buscam por filmes com ação. Como exemplo, podemos citar a cena 5, do ato 1 representada no filme semelhantemente ao livro, mas com cortes significativos nos diálogos e inserção da vista de Hamlet durante a sua fala, pois de onde está consegue avistar o rei e a rainha celebrando e trocando carícias:

**Imagem 3 – Filme Hamlet (1990).**



Fonte: (ZEFFIRELLI, 1990)

Diante disso, percebemos que a representação acima só é possível quando a obra adquire a forma de filme, pois é gravada em partes e a câmera pode focar em diferentes cenas. Já o texto, tendo em vista que foi escrito para ser representado no teatro, seria difícil usar essa estratégia. Logo, o diretor utiliza bem os recursos visuais na construção do filme, que é um artifício diferente do texto. Nesse sentido, a partir da construção das cenas imagéticas, o filme apresenta uma Rainha feliz com o novo casamento e muito afetuosa por Cláudio, em contraste com o príncipe Hamlet que apresenta tristeza na face e fúria, caracterizada com roupas escuras.

Com relação aos acréscimos de cenas, notamos alguma, pois observamos que no filme houve a inserção do velório do rei Hamlet no início, apresentando o reino com um ar de tristeza, com todos soldados e população vestidos de preto, seguido do velório do rei. Logo, inferimos que essa alteração é uma tentativa de situar o telespectador sobre o que está acontecendo, uma vez que a morte do monarca é muito significativa para os acontecimentos seguintes da tragédia. Já o texto começa com os soldados de vigia, onde veem o fantasma do rei Hamlet, o que faz com que o leitor infira que este morreu. Nesse sentido, vale ressaltar que no filme o encontro entre Horácio, Bernardo e Polônio e o fantasma é apenas narrado, pois se mantém o momento em que eles contam ao príncipe Hamlet o que viram. Portanto, no filme opta-se por cortar a cena 1, do ato 1, e trocá-la por outra.

Quanto às alterações na ordem das cenas, percebemos que no filme há diversas alterações em comparação com o texto. Tendo em vista que o texto teatral é dividido em atos e cenas, analisamos a ordem em que são apresentadas no longa-metragem e fizemos comparações:

**Quadro 1 – Ordem dos acontecimentos no texto e no filme.**

Divisão	Texto	Filme
Ato 3, cena 1	O rei e a rainha questionam Rosencrantz e Guildenstern sobre o motivo da loucura de Hamlet. (p.49-50)	X
Ato 3, cena 1	Rei, Rainha e Polônio planejam o encontro de Ofélia com Hamlet para expiá-los e saber se ela é o motivo de sua suposta loucura. (p.50)	Rei, Rainha e Polônio planejam o encontro de Ofélia com Hamlet para expiá-los e saber se ela é o motivo de sua suposta loucura. (45min18s)
Ato 3, cena 1	Hamlet questiona o propósito da vida. (p.51)	Hamlet encontra-se com Ofélia e questiona sua honestidade. (45min45seg)
Ato 3, cena 1	Hamlet encontra-se com Ofélia e questiona sua honestidade. (p.53-54)	O rei deseja enviar Hamlet à Inglaterra. (48min44seg)
Ato 3, cena 1	O rei deseja enviar Hamlet à Inglaterra. (p.54)	Hamlet questiona o propósito da vida. (49min36seg)

Fonte: as autoras.

Nessa perspectiva, identificamos que no filme corta-se a primeira parte da cena 1, do ato 3, e muda-se a ordem onde o famoso discurso “Ser ou não ser” é emitido, pois no texto este acontece antes de Hamlet se encontrar com Ofélia. Além disso, ao confrontar o texto com o filme, notamos que houve uma mudança no cenário, que decorre da percepção adotada na obra cinematográfica, pois o texto apenas indica que essa cena acontece em uma sala do castelo, deixando espaço para a criatividade dos produtores, que, nesse caso, colocam Hamlet para realizar esse discurso especificamente no cemitério do castelo, o que condiz com o seu conteúdo, conforme descrito anteriormente.

Outro exemplo de mudanças na ordem e cortes de cena, estão expressos no quadro abaixo:

**Quadro 2 - Ordem dos acontecimentos no texto e no filme**

<b>Divisão</b>	<b>Texto</b>	<b>Filme</b>
Ato 4, cena 7.	O rei denuncia Hamlet a Laertes. (p. 89-90).	O mensageiro informa que Ofélia morreu afogada.
Ato 4, cena 7.	O rei Cláudio e Laertes conversam sobre seus planos de matar Hamlet. (p.91-94).	Hamlet segura o crânio de Yorick e reflete sobre a morte no cemitério.
Ato 4, cena 7.	O mensageiro informa que Ofélia morreu afogada. (94-95).	Hamlet descobre que Ofélia está morta.
Ato 5, cena 1.	Os coveiros questionam o enterro cristão de Ofélia. (p. 96-97).	X
Ato 5, cena 1.	Hamlet segura o crânio de Yorick e reflete sobre a morte no cemitério. (p. 97-101).	O rei denuncia Hamlet a Laertes.
Ato 5, cena 1.	Hamlet descobre que Ofélia está morta. (p. 101-103).	Osric avisa Hamlet da aposta do rei em sua disputa com Laertes.
Ato 5, cena 2.	Osric avisa Hamlet da aposta do rei em sua disputa com Laertes. (p. 106-108).	O rei Cláudio e Laertes conversam sobre seus planos de matar Hamlet.

Fonte: as autoras.

Nessa análise, verificamos que no filme os questionamentos dos coveiros sobre o suposto suicídio de Ofélia e seu enterro cristão, que estão no livro, não aparecem. Entretanto as cenas principais são mantidas, como no caso de Hamlet com o crânio e do seu descobrimento da morte de Ofélia. Outro ponto é que no filme a conversa entre Laertes e o Rei encomendando a morte de Hamlet acontece após eles saberem da morte de Ofélia e seu enterro, ao contrário do livro. Entendemos que essa troca tem a intenção de adicionar mais uma causa à raiva de Laertes pelo príncipe, que se refere não só à morte de seu pai e a loucura de sua irmã, mas também à morte dela.

Um ponto importante do livro, que não aparece no filme é a questão política. Logo, a disputa de terras entre a Dinamarca e a Noruega, é omissa no filme, sendo esta bem significativa para o final da trama no livro, pois nele o príncipe norueguês Fortinbrás, após a morte da rainha, rei e príncipe, torna-se o novo rei da Dinamarca. À vista disso, opta-se por terminar com a morte do Príncipe Hamlet. Nesse sentido, consideramos que o conteúdo da obra foi prejudicado nesse aspecto em consideração ao filme.

Outra mudança significativa entre texto e filme, diz respeito à ambientação. O filme se passa no Castelo Real de Elsenor, na Dinamarca do século XII, ambientado na Idade Média, o que não representa a época em que Shakespeare escreveu a obra em questão, que foi durante o Renascimento. Para Santos-Júnior (2017), a escolha de ambientar o filme na Idade Média se deve ao fato de que nos anos 90 esse período estava em alta e agradava o público da Sétima Arte.

Portanto, constatamos que o diretor do filme efetuou adaptações visando o seu público-alvo, uma vez que o conteúdo é mantido quase que integralmente, mas com recortes nas falas, alteração na ordem dos acontecimentos, e algumas cenas são adicionadas ou excluídas. No que se refere à linguagem, percebe-se que é mais acessível do que a empregada no livro. Nesse sentido, podemos considerar que a adaptação é uma obra populista para a época em que foi lançada, condensada

em 134 minutos. Logo, podemos considerar essa como uma produção da indústria cultural orientada pela lógica de mercado.

Por fim, percebemos que ao adquirir uma nova forma, o texto é modificado de acordo com os recursos, tal como o filme que permite inserir trilha sonora, figurino, ambientação, escolha de elenco etc. Com isso, muitas vezes, até o público-alvo torna-se outro. Logo, apesar das alterações efetuadas pelo diretor, o filme permite que o alunado compreenda conteúdo da obra a partir de outra perspectiva, bem como reflita sobre como as adaptações dos clássicos para o cinema são feitas. Nesse sentido, defendemos que trabalhar com uma obra em diferentes formas pode contribuir para a formação crítica do leitor, que entende como funciona a indústria cultural, por exemplo.

Ademais, salientamos que ao transpor a trama para o cinema, permite-se que o diretor expresse a sua própria visão dos acontecimentos, passando ao público a sua própria leitura da obra. Logo, ao assistir ao filme baseado em uma obra clássica devemos considerar que um texto deixa lacunas para o leitor preenchê-las com sua subjetividade, e no caso da obra cinematográfica isso muitas vezes foi feito pela produtora. Desse modo, exige-se certa criticidade do leitor da obra visual para entender essas diferenças e refletir sobre elas.

#### 4. PROPOSTA DE TRABALHO

Neste tópico apresentaremos uma síntese da proposta de atividade elaborada para aplicação em um 9.º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de abordar a obra *Hamlet* em diferentes formas. Logo, tendo em vista as orientações da BNCC (2017), escolhemos trabalhar com o campo artístico-literário, enfocando a leitura e a produção de textos. Enfatizamos que o documento propõe o trabalho com a relação entre textos, de estratégias de leitura, apreciação e réplica, reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos. Diante disso, escolhemos trabalhar com o texto dramático *Hamlet*, que inspirou diferentes manifestações artísticas, a fim de contemplar as seguintes habilidades:

(EF89LP32). Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.

(EF89LP33). Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF89LP34). Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc. (BRASIL, 2017)

Diante disso, estabelecemos como objetivo geral trabalhar com as relações entre o livro *Hamlet* (2011), de William Shakespeare e o filme *Hamlet* (1990), de Franco Zeffirelli. Como objetivos específicos, propomos que os alunos realizem uma leitura integral e autônoma da peça teatral *Hamlet*, de Shakespeare; assistam ao filme *Hamlet* (1990), de Zeffirelli; analisem o conteúdo e a forma das manifestações artísticas trabalhadas; produzam uma história em quadrinhos baseada na obra abordada.

Nessa perspectiva, propomos que a aula seja iniciada a partir do resgate dos conhecimentos prévios dos alunos sobre as peças teatrais e as obras cinematográficas. Para isso, o docente pode fazer algumas perguntas orais para motivar a discussão, como: “ *você já foi ao teatro? E ao cinema? Quando? O que você viu? Você costuma participar de eventos culturais e artísticos na sua cidade? Quais? Você prefere ler a obra ou assistir ao filme? Por quê? Há diferenças quando um livro é transposto para o cinema? Quais?*” A partir dessas questões, busca-se entender melhor as práticas culturais e sociais que os estudantes participam fora da escola.

Assim, a partir dessa socialização, o docente explicitará que nas próximas aulas abordará o conteúdo e a forma de uma obra de Shakespeare. Logo, nesse momento, é relevante indagar o que os discentes sabem sobre o autor e quais obras conhecem. A partir disso, pode apresentar em formato de *slides* a biografia do dramaturgo e o contexto em que viveu e escreveu suas obras. Isso é relevante na medida que permite que o educando possa perceber as semelhanças entre o presente e o momento histórico onde a obra foi produzida, bem como resistiu aos limites espaciais e temporais.

Na sequência, visando a promoção da leitura literária de forma autônoma, o professor apresentará a peça teatral *Hamlet*, de Shakespeare, traduzida por Millôr Fernandes, bem como falará brevemente sobre sua importância histórica e das manifestações artísticas que inspirou, tanto textos, quanto filmes. Logo, essa parte pode ser apresentada em formato de *slides*, e o texto pode ser enviado para a turma em formato PDF via plataformas digitais, como: *Classroom*, *WhatsApp*, *Google Drive*, caso não tenha exemplares suficientes para todos na biblioteca escolar. Vale ressaltar que para incentivar os alunos a lerem, o professor pode começar a leitura em sala, apresentando os personagens e fazendo uma leitura dramatizada com a participação da turma, em que cada aluno lê a fala de um personagem. Então, a leitura completa poderá ser feita em casa devido à limitação de tempo em sala de aula.

Após a leitura do texto, os alunos serão convidados a assistir ao filme *Hamlet* (1990), de Franco Zeffirelli em sala de aula. Depois o docente apresentará a biografia do cineasta e o contexto

em que o filme foi produzido, bem como discutirá o que os alunos acharam das obras e os temas abordados por elas, como: traição, conflitos pessoais, vingança, poder, corrupção, luto etc.

Na sequência, os alunos realizarão uma atividade sobre a categoria dialética “conteúdo e a forma” sobre o livro e filme trabalhados. Para isso, explicaremos um pouco sobre o que são essas categorias e como elas serão analisadas nas obras trabalhadas em sala.

- 1). Quais temas as obras abordadas trazem?
- 2). Você acredita que assistir ao filme após a leitura do texto contribuiu para a compreensão da obra? Por quê?
- 3). Quais diferenças você percebeu entre o livro e o filme? E as semelhanças?
- 4). O filme apresenta o mesmo conteúdo do livro? Justifique a sua resposta.
- 5). Você considera que a essência do texto foi mantida no filme? Justifique a sua resposta.
- 6). Há algo do livro que você acrescentaria no filme? Por quê? Há algo do filme que você acrescentaria no livro? Por quê?
- 7). Você percebeu que o filme inverte a sequência de algumas cenas do livro e suprime algumas falas. Por que isso acontece? Essas mudanças são profícuas ou não para o público-alvo?
- 8). Analise o contexto histórico onde a obra Hamlet foi escrita por Shakespeare e quando foi transposta para o cinema.
- 9). A peça teatral de Shakespeare se dirige ao mesmo público do filme? Por quê?
- 10). O que achou da experiência de analisar as duas obras?

Após analisarem as obras Hamlet em texto e filme, a proposta será que transformem o texto em uma nova forma, que será história em quadrinhos (HQ). Logo, a proposta é que os alunos produzam uma HQ baseada na obra Hamlet a fim de expressar a visão de mundo dos estudantes. O texto circulará no Facebook da escola, onde será lida por colegas da escola, professores e funcionários. Para isso, os discentes poderão usar o Pixton, sendo uma ferramenta online que permite a criação de histórias em quadrinhos.

Para finalizar a atividade, o professor deve promover a revisão das HQs em pares e supervisionar a publicação das produções textuais na página do Facebook da escola. Por último, para entender se a proposta contribui para o processo de aprendizagem dos alunos, o professor pode fazer algumas questões que os levem a lembrar o conteúdo estudado, sintetizá-lo e ouvir como foi a experiência dos alunos ao conhecer a obra Hamlet em diferentes formas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola tem o papel social de promover práticas de leitura que levem o aluno a se engajar e compreender as obras literárias. Para isso, muitas estratégias podem ser utilizadas, como: iniciar a leitura em voz alta do texto em sala, recorrer às diferentes linguagens, como no caso do trabalho em conjunto entre texto e filme, entre outras. Logo, trabalhar com uma obra em diferentes formas

suscitam leituras diversas, análises sobre as visões de mundo presentes e comparações entre elas, considerando que foram produzidas em diferentes períodos. Isso é relevante para a formação de um leitor crítico na sociedade contemporânea, pois está em constante contato com obras clássicas transpostas para o cinema, séries, novelas etc. ou com outras obras inspiradas nelas, portanto, rodeado por intertextos baseados nos clássicos da literatura e muitas vezes nem se dá conta disso. Desse modo, ao trabalhar com um texto que virou um filme, por exemplo, consideramos que isso auxiliará o alunado a perceber as escolhas ideológicas que envolvem essas produções, bem como as mudanças são feitas de acordo com o contexto histórico em que são produzidas.

Sendo assim, a intenção é que essa proposta instrumentalize os discentes para realizarem suas próprias leituras das obras, motivados a ampliar os horizontes quanto às possibilidades artísticas, passando da fruição para a pesquisa e a leitura de clássicos.

Consideramos que outras obras inspiradas em *Hamlet* podem ser analisadas e apresentadas em sala de aula, bem como outros clássicos de autores que também tenham conseguido retratar temas universais de forma atemporal e humanizante.

Por fim, esperamos que esse trabalho seja aplicado na sala de aula e revisto pelos docentes, a fim de transpô-lo para diferentes realidades, contribuindo para que literatura, mídia e escola sejam companheiras na difícil tarefa de formar leitores autônomos e críticos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília, DF, 2017.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- FERREIRA, N. B. de P.; DUARTE, N. As artes na educação integral: Uma apreciação histórico-crítica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 6, n. 3, p. 115–126, 2012. DOI: 10.21723/riaee.v6i3.5006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5006>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- FRANCO, Sandra Aparecida Pires. GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1972-1983, out./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.8776>. E-ISSN: 1982-5587.
- GAMBOA, Sílvio Sánchez. *Epistemologia da pesquisa em educação*. Tese de Doutorado. Universidade UNICAMP. SP: Campinas, 1998.
- HAMLET. *Direção de Franco Zeffirelli*. Produção de Bruce Davey e Dyson Lovell. Universal - International, 1990. DVD.
- PRIETO, L. C. M.; PRADO, M. R. DO. Reprodutibilidade e convergências no ciberespaço: a circulação de obras literárias em adaptações televisivas. *Acta Scientiarum*. Language and Culture, v. 36, n. 1, p. 103-110, 18 mar. 2014.
- ROCATELI, A.; CASAGRANDE, F. C. G.; GALVÃO, R. M.; FRANCO, S. A. P. Conteúdo, forma e destinatário: a ação docente e a literatura. *Educação em Foco*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 27001, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/edufoco/article/view/35730>. Acesso em: 8 jul. 2022.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2011. Disponível em: <https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2014/10/shakespeare-hamlet.pdf>. Acesso em: 04 de julho de 2022.

SANTOS-JÚNIOR, Luiz Horácio. *Transcriando Hamlet: uma leitura política da peça de Shakespeare e do filme de Zeffirelli*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8905/DissLHSJ.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 09 de julho de 2022.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

### **OIA(S) AUTOR(ES/AS)**

#### **Patrícia Cardoso Batista**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [patty\\_jbt@hotmail.com](mailto:patty_jbt@hotmail.com)

#### **Rosângela Maria de Almeida Netzel**

Doutora em Estudos da Linguagem e coordenadora na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. E-mail: [rosangela.netzel20@prof.londrina.pr.gov.br](mailto:rosangela.netzel20@prof.londrina.pr.gov.br)

#### **Sandra Aparecida Pires Franco**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: [sandrafranco26@hotmail.com](mailto:sandrafranco26@hotmail.com)

## APÊNDICE A – Plano de aula

<b>Turma:</b> 9º ano
<b>Identificação do tema:</b> conteúdo e forma nas obras Hamlet
<p><b>Objetivo geral</b> Analisar as relações entre o livro Hamlet, de William Shakespeare e o filme Hamlet (1990), de Franco Zeffirelli.</p> <p><b>Objetivos específicos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Realizar a leitura integral e autônoma da peça teatral Hamlet, de Shakespeare;</li> <li>● Assistir ao filme Hamlet (1990), de Zeffirelli.</li> <li>● Analisar o conteúdo e a forma das manifestações artísticas trabalhadas;</li> <li>● Produzir uma história em quadrinhos baseada na obra Hamlet.</li> </ul>
<p><b>Desenvolvimento do tema</b></p> <p><b>1º momento</b></p> <p>- Motivar a sala para a discussão a partir de perguntas orais que resgatem seus conhecimentos prévios sobre as peças teatrais e as obras cinematográficas: <i>você já foi ao teatro? E ao cinema? Quando? O que você viu? Você costuma participar de eventos culturais e artísticos na sua cidade? Quais? Você prefere ler a obra ou assistir ao filme? Por quê? Há diferenças quando um livro é transposto para o cinema? Quais?</i></p> <p><b>2º momento</b></p> <p>- Explicar aos alunos que trabalharemos com o conteúdo e a forma de uma obra de Shakespeare. Na sequência, indagar aos estudantes sobre o que sabem sobre o autor e quais obras conhecem.</p> <p>- Apresentar a biografia do dramaturgo e o contexto em que viveu.</p> <p>- Propor aos estudantes a leitura da peça teatral Hamlet, de Shakespeare, traduzida por Millôr Fernandes. Nesse momento, falaremos brevemente da obra, seus personagens, sua importância histórica e pontuaremos que essa obra ganhou várias versões e inspirou diferentes manifestações artísticas.</p> <p><b>3º momento</b></p> <p>- Após a leitura da obra, passaremos para os alunos o filme Hamlet (1990), de Franco Zeffirelli em sala.</p> <p>- Apresentar a biografia do cineasta e o contexto em que o filme foi produzido.</p> <p>- Discutir o que os alunos acharam das obras e os temas abordados por elas, como: traição, conflitos pessoais, vingança, poder, corrupção, luto etc.</p> <p>- Na sequência, os alunos realizarão uma atividade sobre a categoria dialética “conteúdo e a forma” sobre o livro e filme trabalhados.</p> <p><b>4º momento</b></p> <p>- Propor a produção de uma história em quadrinhos (HQ) baseada na obra Hamlet a fim de expressar a visão de mundo dos estudantes. O texto circulará no Facebook da escola, onde será lida por colegas da escola, professores e funcionários. Para isso, os discentes poderão usar o Pixton (<a href="https://www.pixton.com/">https://www.pixton.com/</a>), que é uma ferramenta online que permite a criação de histórias em quadrinhos.</p> <p><b>5º momento</b></p> <p>- Revisão e publicação das produções textuais na página do Facebook da escola.</p> <p>- Sintetizar o conteúdo estudado e ouvir como foi a experiência dos alunos ao conhecer a obra Hamlet em diferentes formas.</p>
<p><b>Recursos</b></p> <p>- Programa <i>PowerPoint</i>, livro, texto em formato PDF, notebook, televisão, projetor, site Pixton, folhas sulfite.</p>
<p><b>Metodologia de avaliação</b></p> <p>Os alunos serão avaliados através da participação e realização das atividades propostas.</p>